

ARTIGOS

O CENTRO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO DE PAULO: UMA PROPOSTA

Roberto Pereyra Suarez, Ph.D

Professor de Novo Testamento do curso de Teologia do Unasp
Centro Universitário Adventista de São Paulo,
Campus Engenheiro Coelho e
Diretor da Pós-graduação do SALT
roberto.pereira@unasp.edu.br

Resumo: O apóstolo Paulo foi um protagonista destacado no crescimento e no desenvolvimento do cristianismo. Sua influencia foi determinante na interpretação e na aplicação da graça de Deus em Cristo como no processo da formação e o desenvolvimento da teologia cristã. Seu papel foi tão protagónico e vital que se o considera o segundo fundador do cristianismo. Este artigo tem como propósito apresentar evidências para afirmar que Paulo é teocêntrico em sua concepção teológica. Esta proposta se fundamenta a partir dos escritos paulinos e sugere que “Deus” é o assunto que constitui o centro do pensamento teológico do apóstolo.

Palavras-chave: Paulo; pensamento teológico; centro.

The Center of Paul’s Theological Thought: A Proposal

Abstract: The apostle Paul was an outstanding protagonist in the growth and development of Christianity. His contribution was decisive in the interpretation and application of the grace of God in Christ and in the process of formation and development of Christian theology. His role was so vital that he has been considered the second founder of Christianity. This article aims to provide evidences to the suggestion that Paul is theocentric in his theological consideration. This affirmation is based on the Pauline writings and suggests that “God” is the theme that becomes the center of the apostle’s thought.

Keywords: Paul; Theological Thought; Center.



INTRODUÇÃO

O apóstolo Paulo foi um protagonista notável, distinto, nas origens e expansão do cristianismo. Considerado “o primeiro e o maior teólogo cristão”¹ e “o mais influente”.² Sua autoridade foi determinante no processo de formação e desenvolvimento da teologia cristã. Sua contribuição foi tão importante que os teólogos paulinos o consideram o segundo fundador do cristianismo.

A questão pelo centro da teologia neotestamentária, e paulina em particular, tem suscitado um debate ainda não concluído entre os estudiosos do Novo Testamento.³

Encontrar um “centro”,⁴ ou princípio organizador, ao pensamento teológico de Paulo é uma necessidade entre os intérpretes do apóstolo para descobrir o sentido de sua teologia. Esse centro poderia ser um conceito básico ou conjunto de convicções que possam dar alguma ordem a suas diversas afirmações teológica, demandas e argumentos.⁵

O CENTRO DO PENSAMENTO TEOLÓGICO DE PAULO

Qual é o centro do pensamento teológico de Paulo? É a “graça de Cristo”, proposta por Tomás de Aquino?⁶ É “a justificação pela fé independente de todo esforço humano”, sugerida por Martinho Lutero e sustentada por muitos protestantes

¹ James D. G. Dunn, *The Theology of Paul the Apostle* (Grand Rapids, MI.: Erdmans, 1998), 2.

² Frank Thielman, *Teología del Nuevo Testamento*. Traduzido por Miguel Mesías (Miami, Fla.: Editorial Vida, 2006), 244.

³ Entre as diversas obras escritas sobre a história e a natureza da teologia do Novo Testamento destaco Robert Morgan, ed. *The Nature of New Testament Theology*, SBT 25 (Naperville, Ill.: SCM Press, 1973). Contudo, mais útil por registrar o debate contemporâneo sobre a Teologia do Novo Testamento é a de Gerhard Hasel, *New Testament Theology: Basic Issues in the Current Debat* (Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 1978). Hasel apresenta as tentativas de identificar o único centro da teologia neotestamentária como um todo. Conclui que “Deus” é o grande tema que se constitui o centro da teologia do Novo Testamento.

⁴ Alguns intérpretes paulinos preferem outras metáforas tais como “diálogo”, “coerência”, “núcleo”, “Mitte”, “princípio organizador”, “base” ou “cimento” da teologia do apóstolo, etc., antes que “centro”.

⁵ Thielman, *Teología del Nuevo Testamento*, 255.

⁶ Romano Penna, *Paul the Apostle*, 2 vols. (Collegeville: Liturgical, 1996), 1:10.



desde então?⁷ É “Cristo e o que Ele tem feito por nós”, de acordo com muitos dos interpretes católicos?⁸ É a “história da salvação”, proposta por Herman Ridderbos?⁹ É “a reconciliação”, de acordo com Ralph P. Martin?¹⁰ É a “ressurreição de Cristo”, segundo Paul J. Achtemeier?¹¹ É a experiência mística de “estar em Cristo” ou a “participação em Cristo”, sustentada por Albert Schweitzer e Ed Parish Sanders?¹² É “o triunfo apocalíptico eminente de Deus” na morte e ressurreição de Cristo, ensinado por Johan Christiaan Beker?¹³ É “a glória de Deus em Cristo”, de acordo com a proposta de Thomas R. Schreiner?¹⁴ É “a contribuição do Pai, Filho e Espírito Santo para a salvação”, segundo Joseph Plevnik?¹⁵ É “a graça de Deus dispensada as suas criaturas débeis e pecadoras”, como sugerido recentemente por Frank Thielman?¹⁶

⁷ Günther Bornkamm, *Paul* (Minneapolis: Fortress Press, 1995), 135; Ver Ernst Käsemann *Commentary on Romans* (Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 1980), e seu ensaio “God’s Righteousness in Paul”, *Journal of Theology and Church* 1 (1965): 100-110; Peter Stuhlmacher, *Gerechtigkeit Gottes bei Paulus*, FRLANT 87 (Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1965), e seu ensaio “The Apostle Paul’s View of Righteousness,” en *Reconciliation, Law and Righteousness: Essays in Biblical Theology* (Philadelphia: Fortress, 1986), 68-93; Karl Kertelge, *Rechtfertigung bei Paulus: Studien zur Struktur und zum Bedeutungsgehalt des paulinischen Rechtfertigungsbegriffs*, 2nd ed., NTAbh 3 (Münster in Westfalen: Aschendorff, 1967); Mark A. Seifrid, *Justification by Faith: The Origin and Development of a Central Pauline Theme*, NovTSup 68 (Leiden: Brill, 1992), e seu *Christ, Our Righteousness: Paul’s Theology of Justification* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press, 2001).

⁸ Joseph Plevnik, “The Center of Pauline Theology”, *Catholic Biblical Quarterly* 51 (1989), 461-478; Veronica Koperski, *What Are They Saying about Paul and the Law?* (New York: Paulist Press, 2001), 94, 99-103.

⁹ Herman Ridderbos, *Paul: An Outline of His Theology* (Grand Rapids, MI.: Eerdmans, 1975); C. Marvin Pate, *The End of the Age Has Come: The Theology of Paul* (Grand Rapids, MI.: Zondervan, 1995).

¹⁰ Ralph P. Martin, *Reconciliation: A Study of Paul’s Theology*, rev. ed. (Grand Rapids, MI.: Zondervan, 1989).

¹¹ Paul J. Achtemeier, “Finding the Way to Paul’s Theology: A Response to J. Christian Beker and J. Paul Sampley” en *Pauline Theology, Volume I. Thessalonians, Philippians, Galatians, Philemon*. Editado por Jouette M. Bassler (Minneapolis: Fortress, 1991), 25-36.

¹² Albert Schweitzer, *The Mysticism of Paul the Apostle* (New York: Henry Holt, 1931); E. P. Sanders, *Paul and Palestinian Judaism: A Comparison of Patterns of Religion* (Philadelphia: Fortress, 1977).

¹³ Johan Christiaan Beker, *Paul the Apostle: The Triumph of God in Life and Thought* (Philadelphia: Fortress, 1980).

¹⁴ Thomas R. Schreiner, *Paul Apostle of God’s Glory in Christ: A Pauline Theology* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity Press; Leicester, England: Apollos, 2001).

¹⁵ Joseph Plevnik, “The Understanding of God at the Basis of Pauline Theology”, *Catholic Biblical Quarterly* 65 (2003), 554-567.

¹⁶ Thielman, *Teología del Nuevo Testamento*, 258.



Quantas propostas feitas pelos teólogos a partir de Tomas de Aquino! Qual de todas elas é o centro, o princípio organizador do pensamento teológico de Paulo?

Ao pesquisar o corpus paulino por uma resposta fica claro que um tema teológico mais amplo que estes assuntos desponta, aparece, surge como centro da teologia do apóstolo Paulo: Seu grande interesse em Deus.¹⁷ “Deus” é o grande tema que se constitui no centro organizador de seu pensamento.

Nils Dahl e John Donahue têm notado que Deus é o “fator abandonado”¹⁸ na teologia do Novo Testamento. John Riches observa que até mesmo os ensinamentos de Jesus sobre Deus receberam pouca atenção nos anos recentes.¹⁹

Este fator de abandono, ou de ignorância, na teologia do Novo Testamento é particularmente crítico nos estudos paulinos, já que as epístolas do apóstolo estão saturadas com a ideia acerca de “Deus”.²⁰

Paulo faz uso do nome de “Deus” 548 vezes, 153 somente em Romanos.²¹ As epístolas de Paulo contêm mais de 40% de todas as referências a Deus no Novo Testamento.²² Ao estudá-las adverte-se que parecem ser afirmações axiomáticas: proposições, máximas ou verdades que o apóstolo não explica, embora que pareçam constituir o fundamento de sua teologia.

Deus: um axioma na teologia paulina

Na organização estrutural das cartas paulinas se encontram suficientes evidências do assunto que desponta como centro organizador de sua teologia.

Em termos gerais, Paulo introduz suas epístolas com uma saudação na qual informa quem origina e dirige seu apostolado. Por exemplo, ele diz, “Paulo, chamado

¹⁷ Leon Morris, *New Testament Theology* (Grand Rapids, MI.: Zondervan, 1990), 25.

¹⁸ Ver N. A. Dahl, “The Neglected Factor in New Testament Theology”, *Reflection* 73 (1975) 5-8 y J. R. Donahue, “A Neglected Factor in the Theology of Mark”, *Journal of Biblical Literature* 101 (1982) 563-594.

¹⁹ John Riches, *Jesus and the Transformation of Judaism* (New York: Seabury, 1982), 145.

²⁰ Ibid.

²¹ Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 28.

²² Morris, *New Testament Theology*, 25



pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo” (1 Co 1:1); “Paulo, apóstolo, não da parte de homens, nem por intermédio de homem algum, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos” (Gl 1:1); “Paulo apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus”(2 Co 1:1; Ef 1:1; Cl 1:1; 2 Tg 1:1); “Paulo apóstolo de Jesus Cristo pelo mandato de Deus” (1 Tm 1:1); “Paulo servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo” (Tt 1:1).

A saudação imediata na maioria de suas cartas é “graça e paz, de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo” (Rm 1:7; 1 Co 1:3; 2 Co 1:2; Gl 1:3; Ef 1:2), seguido por uma expressão de gratidão ou bênção de Deus (Rm 1:8; 1Co 1:4; 2Co 1:3; Gl 1:3-4; Ef 1:4). Descreve aos autores das epístolas e aos destinatários das mesmas em termos de sua relação com Deus em Cristo.

Conclui suas cartas, geralmente, com uma bênção (Ef 6:23-24; 2 Ts 3:16,18) ou doxologia (Rm 16:25-27; 2 Co 13:11-13; Fl 4:20; cf. Hb 13:20-21) nas que inclui Deus.

No corpo de suas epístolas se descobre várias expressões em construção grega genitiva, o que torna mais claro o contexto teocêntrico de sua teologia. Tomando como referencial o livro de Romanos, se observam frases como as seguintes: “o evangelho de Deus” (Rm 1:1; 15:16); “Filho de Deus”, fazendo referência ao Senhor Jesus Cristo (Rm 1:4; 8:29); “filhos de Deus”, com relação aos crentes (Rm 8:14, 16, 19, 21; 9:8, 26); “amados de Deus” (Rm 1:7); “graça e paz de Deus” (Rm 1:7); “vontade de Deus” (Rm 1:10; 8:27; 12; 2; 15:22); “poder de Deus” (Rm 1:16); “justiça de Deus” (Rm 1:17; 3:5, 21-22; 10:3); “ira de Deus” (Rm 1:18; 9:22; 12:19); “verdade de Deus”(1:26; 3:7; 15:8); “inimigos de Deus”(Rm 1:30); “juízo de Deus” (Rm 1:32; 2:2, 3, 5; 3:19); “nome de Deus” (Rm 2:24); “louvor de Deus” (Rm 2:29); “palavra de Deus” (Rm 3:2; 9:6; 10:17); “fidelidade de Deus” (Rm 3:3); “glória de Deus” (Rm 3:23; 5:2; 9:23; 15:7); “promessa de Deus” (Rm 4:20); “graça e dom de Deus” (Rm 5:15; 15:15); “amor de Deus” (Rm 5:5; 8:35); “servo de Deus” (Rm 6:22); “dádiva de Deus” (Rm 6:23); “lei de Deus” (Rm 7:22, 25; 8:7); “Espírito de Deus” (Rm 8:9, 14; 15:19); “herdeiros de Deus” (Rm 8:17); “escolhido de Deus” (Rm 8:33); “destra de Deus” (Rm 9:11; 8:28); “bondade e severidade de Deus” (Rm 11:22); “dons e vocação de Deus” (Rm 11:29); “sabedoria e conhecimento de Deus” (Rm 11:33); “misericórdia de Deus” (Rm 12:1); “autoridades



que não provem de Deus” (Rm 13:1); “ao serviço de Deus” (Rm 13:4, 6); “reino de Deus” (Rm 14:7); “obra de Deus” (Rm 14:20).

No restante de seus escritos, se acham outras expressões genitivas muito relevantes. Paulo menciona às “igrejas de Deus” (1 Co 1:2; 10:32; 11:16; 15:9; Gl 1:13; 1 Ts 2:14); o “testemunho de Deus” (1Co 2:1); os “cooperadores de Deus” (1 Co 3:9); o “edifício de Deus” (1 Co 3:10); à “imagem de Deus” (2 Co 2:4); os “ministros de Deus” (2 Co 6:4); o “Israel de Deus” (Gl 6:16); à “família de Deus” (Ef 2:19); à “morada de Deus” (Ef 2:22); à “plenitude de Deus” (Ef 3:19); à “vida de Deus” (Ef 4:19); os “imitadores de Deus” (Ef 5:19); à “armadura de Deus” (Ef 6:12-13); à “forma de Deus” (Fl 2:6); o “chamado de Deus” (Fl 3:14); o “conhecimento de Deus” (Cl 1:10); à “administração de Deus” (Cl 1:25); o “ministério de Deus” (Cl 2:22); à “casa de Deus” (1 Tm 3:15; Hb 3:2, 5; 10:21); o “homem de Deus” (1 Tm 6:11); o “fundamento de Deus” (2 Tm 2:19); o “mandato de Deus” (Tt 1:3); à “doutrina de Deus” (Tt 2:10); o “povo de Deus” (Hb 11:25); à “bênção de Deus” (Hb 6:7); o “sacerdote do Deus altíssimo” (Hb 7:1); o “trono de Deus” (Hb 12:2); os “instruídos por Deus” (1 Ts 4:9); o “templo de Deus” (2 Ts 2:4).

A estas declarações em caso genitivo, Paulo apresenta afirmações nas que Deus é o sujeito, ou ator, de uma ação determinada e específica, sugerindo que Ele age historicamente dentro do fluxo da história.

Segundo as epístolas de Paulo, partindo da primeira de acordo com a organização do Canon cristão, Romanos, e sem uma exploração exaustiva e uma organização temática específica para esta apresentação, mas somente ilustrativa para recordar alguma evidência em sua seqüência textual, se observa que Paulo afirma que o que os gentios conhecem sobre Deus é porque “Deus lhes manifestou”. Contudo “tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu (...), tornaram-se néscios (...). Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia (...), a paixões infames (...), a um sentimento perverso” (Rm 1:19-28).

De acordo com a evidência textual adicional em Romanos e em outros de seus escritos, Deus julgará (Rm 2:16; 3:6); castigará (Rm 3:5); colocou Cristo Jesus como



instrumento de expiação (Rm 3:24-25); justificará (Rm 8:33; Gl 3:8); atribui justiça (Rm 4:6); mostra seu amor para com os pecadores (Rm 5:8); concede vida eterna em Cristo Jesus (Rm 6:23); é a favor dos crentes (Rm 8:31); tem misericórdia (Rm 9:16); mostra sua ira (Rm 9:22); ressuscitou Jesus dentre os mortos (Rm 6:4, 10:9; 1 Co 15:15; Gl 1:1; Cl 2:12; 1 Ts 6:14; Hb 13:20); não rejeitou seu povo (Rm 11:2); deu espírito de insensibilidade (11:8); não poupou os ramos (Rm 11:21); a todos encerrou na desobediência (Rm 11:32).

Deus repartiu medida de fé a cada um (Rm 12:3); estabeleceu autoridades (13:1); recebe tanto o fraco quanto o forte (Rm 14:1-3); chama à comunhão com Seu Filho Jesus Cristo (1 Co 1:9); aprovou salvar os que crêem pela loucura da pregação (1 Co 1:21); escolheu o néscio do mundo, o fraco, o vil, o que não é para rejeitar o que é (1 Co 1:26-28); ordenou antes dos séculos para a nossa glória (1 Co 2:7); preparou para os que o amam coisas que olho algum não viu e ouvido não ouviu, realidades que jamais imaginou a mente humana, mesmo que a tenha revelado aos crentes pelo Espírito (1 Co 2:9-10); concedeu o Espírito aos crentes (1 Co 2:12; 2 Co 5:5; 1 Ts 4:8).

Deus dá o crescimento espiritual (1 Co 3:6-7); destruirá o que destrói o templo de Deus (1 Co 3:17, 6:13); como ressuscitou o Senhor dos mortos, também nos ressuscitará com Seu poder (1 Co 6:14); chamou a paz no âmbito do compromisso matrimonial (1 Co 7:15); não se agradou dos incrédulos que ficaram prostrados no deserto (1 Co 10:5); não deixará o crente ser tentado além do que possa resistir (1 Co 10:13); faz todas as coisas em todos (1 Co 12:6); ordenou o corpo, a igreja, através de seus dons (1 Co 12:24); colocou na igreja apóstolos, profetas, mestres, os que fazem milagres, os que curam, os que ajudam, os que administram e os que têm o dom de línguas (1 Co 12:28).

Deus está verdadeiramente presente entre os crentes em suas reuniões de adoração (1Co 14:22-25); ressuscita os mortos (2 Co 1:9); estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens suas transgressões (2 Co 5:19); ama o doador alegre (2 Co 9:7); separa para o ministério (Gl 1:15); não faz acepção de pessoas (Gl 2:6); enviou Seu Filho para que redimisse os que estavam sob a lei (Gl 4:4-5); preparou de antemão boas obras para que andássemos nelas (Ef 2:10);



perdoou-nos em Cristo (Ef 4:32); exaltou a Jesus sobremaneira e lhe deu um nome que está acima de todo nome, para que no nome de Jesus se dobre todo joelho nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor (Fl 2:9-11).

Deus produz nos crentes tanto o querer como o efetuar, por sua boa vontade (Fl 2:13); teve misericórdia de Epafrodito em sua enfermidade mortal (Fl 2:27); suprirá tudo o que nos falte segundo sua riqueza em glória, por Cristo Jesus (Fl 4:19); quis dar a conhecer aos santos o ministério que estivera oculto dos séculos e das gerações, Cristo em vós, a esperança da glória (Cl 1:26-17); Sua ira vem sobre os filhos da desobediência (Cl 3:6); ama, escolhe e chama para seu reino e glória (1 Ts 1:4, 2:12), não chama os crentes para a imundícia, mas sim para a santificação (1 Ts 4:7); prova seus corações (1 Ts 2:4); manda a operação do erro, para darem crédito à mentira (2 Ts 2:11); concede o arrependimento para conhecerem plenamente a verdade (2 Ts 2:25).

Deus falou aos pais pelos profetas e nos falou por meio de Seu Filho (Hb 1:1), a quem ungiu (Hb 1:9); testifica com sinais e prodígios e diversos milagres e por distribuição do Espírito Santo, segundo Sua vontade (Hb 2:4); repousou de todas as obras no sétimo dia (Hb 4:4); declarou a Jesus Cristo como sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Hb 5:10); fez a promessa a Abraão jurando por si mesmo (Hb 6:13); mandou o sangue da aliança (Hb 9:20); fornece uma realidade melhor para os crentes da que experimentaram os fiéis mencionados em Hebreus 11 (Hb 11:40).

Quem é este Deus, do qual Paulo se expressa da forma como ele o faz? Quem é? Não há dúvida que Paulo assumiu, sem discussão alguma, que este Deus é o Ser Supremo, o Criador do Universo, o Sustentador providente, o Pai, Rei e Juiz de Suas criaturas.

DEUS COMO O CRIADOR DO UNIVERSO

Ainda que o apóstolo não prove a existência de Deus, testifica, em seu discurso aos atenienses acerca do “Deus que fez o mundo e todas as coisas que nele existem,



sendo o Senhor do céu e da terra” (At 17:24; 14:14-15),²³ do qual, os seres humanos são filhos (At 17:29). Segundo o que foi dito aos romanos, seu “eterno poder e divindade se fazem claramente visíveis desde a criação do mundo” (Rm 1:20).

DEUS COMO O SUSTENTADOR; O DEUS PROVIDENTE

O mesmo Deus Criador do Universo é o que provê com sua contínua atividade sustentadora no marco da ordem criada. Tem controle das estações (At 14:17) e “é quem dá vida a todos, a respiração e todas as coisas” (At 17:25; cf. 1 Co 8:6). É o “Deus vivo, que nos dá todas as coisas em abundância para que as desfrutemos” (1 Tm 6:17). É o Deus quem supre “todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus” (Fl 4:19).

DEUS COMO PAI

A ideia da paternidade de Deus é a mais característica do Novo Testamento. Paulo afirma que Deus é o Pai de Jesus Cristo (Rm 15:6; 2 Co 1:3, 11:31; Ef 1:3, 3:14; Cl 1:3); é o Pai dos espíritos (Hb 12:9); é o Pai de todos os crentes (Rm 1:7, 8:15; 1 Co 1:3; 2 Co 1:2, 6:18; Gl 1:4; Fl 4:20; 1 Ts 1:1, 3; 2 Ts 1:1, 2:16; 1Tm 1:2); é o Pai da glória (Ef 1:7); é o Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos, e em todos (Ef 4:6).

DEUS COMO REI E JUIZ

Paulo tem numerosas referências implícitas a Deus em termos de soberania. Deus é mais poderoso que os governadores deste século (1 Co 2:6-8), que já foram vencidos (Cl 2:15). Todos os poderes do mal são incapazes de interferir nos propósitos de Deus em Cristo (Rm 8:37-39). Paulo antecipa o ato final da história quando Deus submete seus inimigos “debaixo de seus pés” para que “Deus seja tudo em todos” (1 Co 15:23-28).

²³ Existem específicas afirmações do apóstolo de que todas as coisas foram feitas por Deus (Rm 11:36; 1 Co 8:6, 11:12; Ef 3:9).



Paulo enfatiza a soberania suprema e universal de Deus, o que é central em seu pensamento, ao se referir ao Pai como “o soberano (Supremo do Universo), o Rei dos reis e Senhor dos senhores (...) a Ele honra e poder eternos” (1 Tm 6:15-16). Aparentemente, no pensamento paulino, existe pouca distinção entre o reino de Deus e o reino de Cristo, embora Cristo “entregue o reino ao Deus e Pai” (1 Co 15:24).

Na epístola dirigida aos hebreus, Deus é o centro em todo tema da homília. É significativo notar o exaltado conceito sobre Deus. No mesmo começo se focaliza sobre a “Majestade nas alturas”, onde o Filho se sentou a Sua destra (Hb 1:3, 8:1, 12:2), o que indica seu cargo e função.²⁴ O sumo sacerdote não só intercede diante do trono, mas sim realmente participa do trono, o que demonstra a natureza regia e soberana de Deus.

Em Paulo, o conceito de “rei” se encontra relacionado com o de “juiz”. Que Deus seja juiz é parte integral de seu evangelho (At 17:30-31; Rm 2:2-11, 16; Hb 9:27, 10:30, 12:33; 13:4). Não havia dúvidas em sua mente: Deus “julgará por meio de Jesus Cristo os segredos dos homens” (Rm 2:16, 3:6). Afirma que “todos compareceremos diante do tribunal de Cristo” (Rm 14:10; cf, 2:16; 2 Co 5:10; 2Tm 4:1).

ATRIBUTOS DE DEUS

Mesmo que não seja possível organizar a evidência em uma forma sistemática, é possível mencionar algumas ideias paulinas sobre os atributos de Deus: Paulo tem algumas declarações em quanto à glória de Deus, a sabedoria e conhecimento de Deus, a justiça (justificação) de Deus, o amor e a graça de Deus, a fidelidade de Deus, a singularidade ou excepcionalidade de Deus e a unidade de Deus.

²⁴ Paulo não refere o serviço sacerdotal de Jesus Cristo à destra do trono da Majestade nos céus para enfatizar sua dignidade transcendente, mas sim a implicação que resulta do fato que exercite seu sacerdócio celestial. Mais que o lugar de seu ministério, enfatiza o cargo e a função. O ato de sentar-se a destra da Majestade nos céus não significa que esteja estático, inamovível, mas sim hierarquia, poder e missão. O fato de sentar-se a destra de Deus sugere o serviço de um ministério total de Cristo que será completado em uma dimensão temporal quando “seus inimigos sejam postos por estrado de seus pés” (Hb 10:13; cf. 1 Co 15:25). A expressão “destra” designa o cargo de honra de Jesus (cf. Hb 2:9) e sua superioridade sobre todos os poderes no universo (cf. Hb 1:1-14).



A glória de Deus

A medida para determinar as debilidades e fraquezas humanas é “a glória de Deus” (Rm 3:23). Através do processo da justificação pela fé Paulo vê a possibilidade de que o homem novamente participe dessa glória (Rm 5:2). Tudo o que o homem faz deve ser feito para a glória de Deus (Rm 15:7; 2 Co 4:15; Fl 1:11, 2:11). Para o apóstolo, a destruição eterna, final, é a exclusão da presença de Deus e da glória de seu poder (2 Ts 1:9).

A sabedoria e o conhecimento de Deus

Paulo contrasta a sabedoria de Deus com a do homem (1 Co 1:20) e destaca sua superioridade. A sabedoria do homem é estupidez e carente de sentido comum à luz da sabedoria de Deus. Faz referência a “sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória” (1 Co 2:7), a qual o apóstolo comunica e proclama.

Identifica a Cristo como “nossa sabedoria” (1 Co 1:30), o que define os atos sábios de Deus na salvação da raça humana. Maravilha-se diante da profundidade da “sabedoria e conhecimento de Deus” (Rm 11:33).

A justificação e justiça de Deus

Paulo é o grande expositor da justificação e justiça de Deus no NT, conceitos básicos no plano da salvação. Não questiona que Deus seja justo. Começa sua exposição na epístola aos Romanos com a afirmação de que a justiça de Deus foi revelada em Jesus Cristo, independentemente das obras da lei (Rm 1:17; 3:21-22).

A verdadeira justificação procede de Deus (Rm 10:3; Fl 3:9). Cristo foi feito pecado “para que nós fossemos feitos justiça de Deus nEle” (2 Co 5:21).

Paulo descreve a natureza da nova criatura como “criado segundo Deus, em justiça e santidade” (Ef 4:24).

O amor e a graça de Deus

Um axioma básico no Novo Testamento é que Deus é um Deus de amor. Paulo afirma que o amor de Deus tem sido derramado em nosso coração através do Espírito



(Rm 5:5) e se faz evidente na obra redentiva em favor dos pecadores (Rm 5:8). Esse amor faz dos crentes mais que vencedores (Rm 8:37), os quais nunca se separarão do amor de Deus (Rm 8:39). Esse amor é parte das bênçãos de Deus (2 Co 13:13; Ef 6:23).

O apóstolo estava plenamente convencido da sua gratidão a graça de Deus. Interpretou sua própria experiência e chamado como um ato da graça divina (Gl 1:15). Não teve dúvidas de que os cristãos são salvos pela graça de Deus (Rm 3:24, 5:15; Ef 5:5; Tt 2:11).

A fidelidade de Deus

Paulo estava profundamente impressionado com a fidelidade de Deus, o qual é fiel em chamar o crente à comunhão com seu Filho Jesus Cristo (1 Co 1:9) e o protege diante de provas excessivas de sua fé (1 Co 10:13). O confirmará e o guardará do maligno (2 Ts 3:3).

O apóstolo cita a fidelidade de Deus como garantia da lealdade de sua própria palavra – seja sim ou não (2 Co 2:18). Ainda mais, Deus permanece fiel mesmo quando o homem não o seja: “se formos infiéis, Ele permanece fiel” (2 Tm 2:13).

A singularidade ou excepcionalidade de Deus

Os teólogos sistemáticos têm debatido sobre certos atributos incomunicáveis de Deus, enfatizando a particularidade do ser de Deus comparado com o ser do homem.

Contudo, Paulo não discute estes assuntos. Com antecedentes no Antigo Testamento, assume o caráter particular e excepcional de Deus, atribuindo-lhe qualidades que não são aplicáveis ao ser humano.

Que Deus seja invariável e imutável em seus planos é parte da herança veterotestamentária de Paulo e encontra reconhecimento na citação do Salmo 102:25-27 em Hebreus 1:10-11, atributo que causou profunda impressão no apóstolo tanto para mencioná-lo em Hebreus 6:17.

Outro aspecto paulino singular a respeito de Deus é que Paulo o apresenta como invisível (1 Tm 1:17), conceito muito claro no Antigo Testamento e aceito sem



discussões pelo judaísmo, o que é além do mais, uma razão da missão de Jesus Cristo. Paulo deixa claro que Deus o Criador se fez a si mesmo conhecido através de suas obras (Rm 1:19).

Muito próximo do conceito de invisibilidade encontra-se a ideia de imortalidade de Deus, o qual aparece em Romanos 1:23. Este Deus imutável é um Deus imortal, a quem Paulo descreve como “eterno” (Rm 16:26).

A unidade de Deus

Paulo apresenta certas evidências para a trindade. Contudo, deve recordar-se que ainda os judeus do período intertestamentário foram fortemente monoteístas, não há indicações no Antigo Testamento que Deus tenha sido interpretado como estritamente um (1 Rs 22:19-28; Sl 89:5-8), o que é significativo para os ensinamentos do Novo Testamento sobre a trindade.

A evidência paulina para a concepção trinitária de Deus poderia resumir-se em três grupos diferentes de passagens.

No primeiro grupo de textos Paulo apresenta um trinitarianismo expresso. Por exemplo, em sua bênção de 2 Coríntios 13:14, Paulo invoca a Deus, ao Senhor Jesus Cristo e ao Espírito Santo,²⁵ sem fazer nenhuma distinção entre as três pessoas. Por tanto, parece razoável afirmar que os vê como Pessoas co-iguais.

No segundo grupo de passagens Paulo apresenta uma forma triádica. Em Efésios 4:4-6 faz menção de “um Espírito... um Senhor... um Deus e Pai”. Em 1 Coríntios 12:3-6, introduz a cada Pessoa com o adjetivo “mesmo” na seqüência Espírito, Senhor e Deus, como em Efésios 4. Em uma referência mais indireta, as três Pessoas são mencionadas em Efésios 1:3-14.

No terceiro grupo de textos paulinos as três pessoas são mencionadas juntas, porém sem nenhuma estrutura triádica específica. Um exemplo de tais passagens é

²⁵ Para um estudo das evidências bíblicas que contribuem para a doutrina da trindade veja Arthur William Wainwright, *The Trinity in the New Testament* (London: S.P.C.K., 1962); Leonard Hodgson, *The Doctrine of the Trinity* (New York: C. Scribner's Sons, 1944), 38-84; E. J. Fortman, *The Triune God: A Historical Study of the Doctrine of the Trinity* (Grand Rapids, MI.: Baker, 1982), 3-33; Aubrey William Argyle, *God in the New Testament* (Philadelphia: Lippincott, 1966), 173-181.



Gálatas 4:4-6: “enviou Deus ao nosso coração o Espírito de seu Filho”. O mesmo acontece no contexto de Romanos 8:1; 2 Tessalonicenses 2:13 e Tito 3:4-6.

CONCLUSÕES

Após ter apresentado algumas evidências com o propósito de definir o centro do pensamento teológico de Paulo, é possível concluir que:

1. Paulo dá abundantes indicações que o que é necessário conhecer sobre Deus pode ser conhecido porque o Deus que ele apresenta age, direta e historicamente, dentro da ordem causal da natureza e do fluxo da história. O Deus de Paulo se revela e opera historicamente, o que é uma proposta fundamental do apóstolo e de todo o Novo Testamento.

2. As afirmações de Paulo sobre Deus parecem ser axiomáticas. São proposições, máximas ou verdades que o apóstolo não explica, mesmo que constitua o fundamento coerente de sua teologia, a subestrutura de seu pensamento.

3. Para o apóstolo, Deus é o Ser Supremo, Único, Infinito, Criador e Sustentador do universo. É Pai, é Rei e Juiz. A combinação de Criador, Pai e Rei provê um amplo espectro de ideias acerca de Deus, embora nenhum aspecto seja contrario ao outro. O Criador é tanto Pai como Rei. Este Rei nunca atua de forma tirânica porque Ele também é Pai. O Deus que cuida de suas criaturas é o Deus que obra de muitas formas para remi-las. É santo, justo, amoroso e perdoador dos que se arrependem.

4. O Deus que o apóstolo apresenta subsiste em três pessoas: O Pai, O Filho e O Espírito Santo. É uma trindade que se expressa e revela em ações históricas, trinitárias.

5. Deus é a pressuposição fundamental da teologia de Paulo, o subtexto primário de todos seus escritos.²⁶ “Deus” é o grande tema que se constitui no centro organizador de seu pensamento. Sua compreensão de Deus constitui o ponto de partida que resulta no contexto harmônico de sua teologia. Paulo é teocêntrico em sua concepção teológica.

²⁶ Dunn, *The Theology of Paul the Apostle*, 28.